

Miguel Gómez Pinto

Jornalista e Professor de PLE

**A utilização da Imprensa nas aulas
de Português Língua Estrangeira**

Resumo

O ponto de partida deste trabalho resultou de uma reflexão acerca dos seminários ministrados no âmbito dos cursos de Verão da Universidade de Aveiro sobre a temática dos meios de comunicação social em Portugal.

A partir dessa reflexão, será feita a análise dos meios de comunicação social impressos aplicados ao ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (PLE), análise essa estruturada em duas partes: uma primeira que se cingirá à vertente cultural e contextual da Imprensa portuguesa, integrada numa sociedade viva, actuante e transformadora dos *media* de uma forma geral; e uma segunda, que tomará os jornais e as revistas como substrato do material didáctico a ser utilizado no âmbito do ensino/aprendizagem do PLE.

Após uma série de demonstrações práticas do potencial da Imprensa como base de um programa coerente de progressão em PLE, realçar-se-á o papel fundamental que os professores desempenham no desenvolvimento de uma didáctica assente no material fornecido pelos meios de comunicação social.

Résumé

Le point de départ de ce travail découle d'une réflexion sur les séminaires organisés à l'occasion des cours d' Eté proposés par l'Université de Aveiro et intitulés « Les moyens de communication sociale au Portugal ».

A partir de cette réflexion, une analyse des moyens écrits de communication sociale appliqués à l'enseignement / apprentissage du Portugais en tant que Langue Etrangère (PLE) s'impose et peut se diviser en deux parties: la première se centrera sur la ligne culturelle et contextuelle de la Presse portugaise, faisant part entière d'une société en constante mutation qui est d'une manière générale l'agent transformateur des médias ; la deuxième se fondera sur les journaux et les revues et les utilisera comme un substrat du matériel didactique qui peut être employé dans le cadre de l'enseignement / apprentissage du PLE.

A la suite de nombreuses démonstrations pratiques du potentiel de la Presse en tant que base d'un programme cohérent de progression en cours de PLE, le rôle fondamental que les professeurs ont à jouer dans le développement d'une didactique fondée sur le matériel fourni par les moyens de communication sociale sera mis en relief.

Introdução

O presente artigo procura, antes de mais, ser uma reflexão sobre as potencialidades do uso da Imprensa nas aulas de Português Língua Estrangeira (PLE), decorrentes de quatro anos consecutivos de seminários sobre a temática dos meios de comunicação social em Portugal, ministrados no âmbito dos Cursos de Verão da Universidade de Aveiro.

A partir desta reflexão procurar-se-á apontar alguns caminhos que visem, numa primeira parte, baseada na avaliação pessoal dos seminários, mostrar como o tema “A Imprensa em Portugal” pode ser um elemento motivador e dinamizador da aprendizagem do PLE. Numa segunda parte, de âmbito teórico e mais alargada, serão apresentadas algumas sugestões de aplicação didáctica da Imprensa como substrato do material trabalhado em sala de aula.

Não se tem a pretensão, todavia, de apresentar um conjunto normativo de usos dos textos jornalísticos nas aulas de PLE, mesmo porque a experiência acima referida prende-se sobretudo com grupos avançados de jovens adultos de diferentes nacionalidades. Aquilo que se tem em vista é dar algumas dicas de utilização da Imprensa em diversos contextos de aprendizagem – idade, proveniência e nível de conhecimento dos discentes, contexto e local de ensino, objectivos do estudo, entre outros –, além de apresentar o texto jornalístico como possível base para o ensino da língua portuguesa, seja por opção, seja por falta de manuais adequados ou, mesmo, pela inexistência permanente ou temporária de qualquer tipo de guia de ensino do PLE.

Por fim, é importante observar que com este artigo não se procura fazer a defesa desta ou daquela teoria da aprendizagem, não obstante a abordagem comunicativa seja aquela que mais ênfase recebe ao longo das sugestões e práticas apresentadas.

1. Uma abordagem cultural e contextual

A análise *per si* da Imprensa portuguesa, em primeiro lugar, e contrastiva, na sua sequência, são actividades que despertaram nos aprendizes uma grande curiosidade e interesse em saber mais.

A interacção que se procurou e se obteve em sala com rapidez foi favorecida pelo facto de se estar a lidar com classes avançadas, o que não quer dizer que em outros níveis o interesse fosse menor, apenas que a capacidade comunicativa poderia não propiciar uma resposta tão pronta e alargada como a que se verificou.

Introduzir a diferença, a estranheza, o curioso é sempre um ponto a favor da motivação dos alunos, mas não só. No caso da Imprensa, o facto de vivermos num mundo mediatizado traz de imediato, e sem esforço, a possibilidade de confrontação e comparação com o contexto de origem.

1.1. Enquadramento dos hábitos de leitura

Para uma melhor apreensão dos dados que iam ser apresentados, mostrou-se oportuno fazer um breve enquadramento dos hábitos de leitura dos portugueses, pois

em parte são aqueles que determinam o panorama geral dos meios de comunicação social impressos que o país tem.

Assim sendo, alertou-se os discentes, num primeiro momento, para o elevado grau de iliteracia da população, a par de uma taxa de analfabetismo também elevada, à volta dos 10 por cento.

Caso se tivesse captado o interesse no aprofundamento da questão, a análise dos dados fornecidos pela OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico)¹ sobre o problema da iliteracia mostrava-se um excelente ponto de partida para uma interacção mais completa.

Mais do que isso, porém, a introdução da informação geral permite, logo à partida, a abertura do debate, que pode ser conduzido para uma reflexão de carácter histórico e cultural.

1.2. Apresentação dos meios de comunicação social impressos

Como na maior parte dos países, a Imprensa portuguesa encontra-se segmentada numa série de especialidades: automóveis, infanto-juvenis, decoração, desporto, sociedade, ambiente, masculinas, femininas, saúde, etc.

No caso específico dos seminários, inseridos dentro do contexto de uma formação global, optou-se, em primeiro lugar, por fazer a apresentação dos meios de informação generalista nacionais, secundada pela apresentação de alguns casos particulares relacionados com os hábitos de leitura da maioria da população.

Partindo-se dessa premissa, fez-se a apresentação dos seguintes jornais e revistas: diários – Jornal de Notícias, Correio da Manhã, 24 Horas, Público e Diário de Notícias; Semanários – Expresso, O Independente, Semanário, Tal & Qual, Euronotícias², Visão e Focus.

Para o professor que se encontra fora do país, a obtenção de um exemplar de cada meio acima referido pode constituir um problema. Porém, não há dúvidas que a interacção dos alunos com os jornais e revistas revelou-se fundamental para a fixação da análise feita a cada um dos meios. Além disso, como se verá na segunda parte, os jornais e revistas que se encontram na sala poderão servir de base para o desenvolvimento das sessões de aprendizagem da língua que se seguirão.

Um outro problema para o docente que se encontra fora de Portugal passa pela correcta identificação, à partida, da evolução sofrida pelas publicações ao longo do tempo, seja, por exemplo, no que se refere à sua orientação editorial, seja no que se refere às estruturas em que estão inseridas, aspecto que tem apresentado grande dinamismo nos últimos anos.

Por outro lado, aqueles que têm pouco acesso a uma visão de contexto da Imprensa portuguesa, e mesmo os que têm, podem, por exemplo, solicitar ajuda à Marktest,

¹ No site da OCDE, www.oecd.org, pode encontrar-se uma série de estudos, sobre os diversos tipos de literacia, com actualização permanente.

² Em Novembro de 2003 este semanário passou do formato de jornal para o de revista, adoptando inclusivamente outro nome: “Tempo”.

actualmente a única empresa responsável pela monitorização das audiências dos diferentes *media* em Portugal³.

Seja como for, o levantamento de informações por parte do professor acerca dos *media* apresentados não levanta problemas de maior, desde que devidamente fundamentada e não baseada apenas numa ideia geral do panorama da Imprensa portuguesa.

1.2.1. Características em destaque

Foi interessante notar que, conforme a proveniência dos estudantes, uma ou outra característica era mais ou menos valorizada, representando tanto a similitude como o contraste com aquilo que acontecia no país de origem.

Aprendizes provenientes de países com um mercado mediático desenvolvido e fortemente concorrencial mostraram-se particularmente interessados nas tabelas e gráficos de evolução das audiências⁴, bem como no enquadramento dos meios de comunicação em estruturas editoriais e económicas.

Por outro lado, alunos provenientes de países com uma comunicação social marcadamente ideológica confrontavam, comparativamente, as tendências político-partidárias dos dois contextos.

³ Em www.marktest.pt pode encontrar-se, no que se refere aos meios impressos, estudos de audiência com um ano de defasagem. Contudo, caso se queira dados actualizados, é necessário fazer um pedido por escrito (o correio electrónico serve) explicando os fins a que se destinam os dados, já que, caso sejam fins comerciais, os mesmos são objecto de comercialização por parte da Marktest.

⁴ Audiência média (nº de leitores). Dados fornecidos pela Marktest:

| | Trimestre Set/Dez 2002 | Trimestre Jan/Mar 2003 | Trimestre Abr/Jun 2003 | Trimestre Set/Dez 2003 |
|------------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|------------------------------|
| Jornais Diários | | | | |
| Jornal de Notícias | 10,8 | 11,8 | 12,0 | 12,1 |
| Correio da Manhã | 9,5 | 10,8 | 9,9 | 9,3 |
| Público | 4,9 | 5,1 | 4,9 | 5,4 |
| Diário de Notícias | 4,1 | 3,9 | 5,0 | 4,3 |
| 24 horas | 2,2 | 2,6 | 3,3 | 3,0 |
| Jornais Semanais | | | | |
| Expresso | 7,7 | 8,7 | 8,3 | 8,7 |
| Tal & Qual | 1,2 | 1,7 | 1,7 | 1,5 |
| O Independente | 1,7 | 1,7 | 1,5 | 1,5 |
| Revistas Semanais | | | | |
| Visão | 6,1 | 7,3 | 7,0 | 7,2 |
| Focus | 1,3 | 1,7 | 2,0 | 1,7 |
| Jornais Desportivos Diários | | | | |
| Record | 8,6 | 7,7 | 8,2 | 8,2 |
| A Bola | 8,1 | 7,7 | 7,6 | 7,8 |
| O Jogo | 3,7 | 3,7 | 4,4 | 4,9 |

BASE: Indivíduos com 15 e mais anos, residentes em Portugal Continental - 8311409 .

(Universo actualizado no 1º trimestre de 2003, com base nos Censos 2001 do I.N.E.)

Aspectos históricos (idade, evolução ao longo do tempo ou zonas de influência – maior número de vendas) e gráficos (formato ou número médio de páginas) foram registados mais como curiosidades do que como temas passíveis de debate, não só porque os discentes podiam confrontar os dados com os exemplares postos a circular em sala, mas também por serem meios que veiculam a actualidade, logo fugindo no imediato de abordagens históricas.

A presença de exemplares em sala, porém, serviu para melhor ilustrar o âmbito e o tipo de abordagens e assuntos recorrentes nos jornais e revistas apresentados, sendo a análise das capas propício a isso – facilmente se distingue um jornal de referência como o Público ou o Diário de Notícias de um sensacionalista como o 24 Horas.

Após a apresentação da imprensa generalista, fez-se uma abordagem à imprensa desportiva, a qual vende, em média, mais jornais do que a média de vendas da imprensa generalista diária⁵.

Esta temática, que, como era esperado, no início despertou mais a atenção do público masculino do que do feminino, motivou debates mais latos de carácter cultural e sociológico, envolvendo, muitas vezes de forma apaixonada, todos os participantes.

Com isso, além de se aferir as vivências dos países de origem, pôde-se algumas vezes pôr os aprendizes em choque directo de opiniões, tendo para tal os mesmos que fazer uso de registos de língua mais “espontâneos”, onde se verificava que os processos de articulação de ideias e de linguagem eram menos ricos, sobretudo pela ausência ou esquecimento do vocabulário específico para a explanação de um determinado ponto de vista.

À primeira vista, a abordagem da temática da Imprensa em Portugal pode parecer uma abordagem sobretudo de carácter cultural, desconectada do ensino da língua em si. Contudo, o professor de PLE poderá aplicar as informações atrás fornecidas numa série de unidades didácticas, nos diversos níveis, em conformidade com o plano de actividades proposto pelos manuais ou idealizados por si.

Como exemplo, pode apontar-se para as tabelas e gráficos de audiências como uma boa base para se trabalhar a comparação, nomeadamente o emprego dos advérbios “tão” e “tanto”. Ou então utilizar uma discussão sobre determinado tema para avaliar as carências vocabulares num determinado domínio da comunicação e expressão.

Como se verá na próxima parte, a utilização das informações, dos textos, e das características gerais dos meios de comunicação social impressos depende de forma inexorável da criatividade, da disponibilidade e da capacidade metodológica do docente.

2. Os *media* impressos e a aprendizagem

O ponto de partida para a utilização dos meios de comunicação social impressos no ensino do Português como Língua Estrangeira está nas características próprias do texto jornalístico.

⁵ Cf. nota de rodapé nº 4.

Este tipo de texto deve ser, por definição, um texto claro, simples, conciso, objectivo, livre de adjectivações excessivas e rebuscamentos, com uma finalidade informativa exacta, sem ambiguidades. Na sua construção deve evitar-se os períodos longos, correspondendo uma ideia a uma frase, num estilo directo.

Constata-se, portanto, que o texto jornalístico, pelas suas características facilitadoras da compreensão e do uso, oferece-se como base variada e abundante para o ensino do PLE.

Entretanto, não se pode perder de vista que para tal é preferível socorrer-se de jornais ou revistas que ofereçam o mínimo de garantias, isto é, que tenham um certo capital de credibilidade e rigor não só na informação que passam, mas também na forma como a passam. Sendo a figura do revisor muito pouco frequente nas redacções dos meios de comunicação de social, alguns indícios podem apontar para meios mais merecedores dessa confiança, como possuir jornalistas e colaboradores de reconhecido valor e experiência, ou como ter um livro de estilo próprio.

Nesse capítulo pode dizer-se que quase todos os meios têm o seu, de forma mais ou menos organizada, mais ou menos completa. Porém, aquele que se apresenta como referência para grande parte dos jornalistas em Portugal é o livro de estilo do jornal Público.

Essa é uma das razões por que se optou, neste trabalho, por ter como base aquele jornal diário. Mas não só. Principalmente para os professores de PLE que se encontram a leccionar fora de Portugal, o jornal Público oferece a possibilidade, através do serviço em linha “Público Plus”, de se fazer o *download* da edição impressa em documento PDF (<http://pdf.publico.pt>), portanto, acessível a todos aqueles que têm computador e ligação à Internet⁶. Deste modo, os docentes podem ter acesso aos documentos tal e qual foram impressos no jornal, o que permite trabalhar todos os elementos das peças jornalísticas, como fotos, legendas, subtítulos, e não apenas o texto.

Antes ainda de se passar para a análise do uso dos jornais e revistas na aprendizagem do PLE, é conveniente fazer um enquadramento teórico do uso e escolha desse material nas aulas, pelo que se fará uma primeira abordagem às estratégias de ensino/aprendizagem em língua segunda (L2) e aos paradigmas com elas relacionados.

2.1. Estratégias de ensino/aprendizagem

A actividade primeira do professor passa pela determinação dos objectivos da sua acção de ensino e aprendizagem, nas suas várias etapas, progressivas e consecutivas.

Contudo, como atesta M. Luísa Álvares Pereira, «sabe-se que não é fácil definir uma progressão racionalizada para o ensino e aprendizagem de uma língua, com patamares visíveis e sequenciados. [...] Além do mais, aquilo que é simples para uns

⁶ Em Janeiro de 2004, o custo anual desse serviço era de € 150,00. Contudo, podia optar-se por pagamentos semestrais, trimestrais e mensais, ou então pela aquisição de um exemplar por semana (€ 25,00 ao ano), ou ainda pela compra de um exemplar avulso: € 0,80.

alunos com determinado funcionamento cognitivo pode revelar-se complexo para outros, sujeitos a outro modo 'de pensar'. »⁷

Michèle Pendanx, por seu turno, considera que a aprendizagem de uma língua estrangeira possui três dimensões:

« d'une part, le cadre culturel, cognitif et affectif dans lequel l'apprenant déploie son activité, et qui détermine ses représentations de la langue étrangère et de l'apprentissage ; d'autre part, la situation institutionnelle où se réalise l'enseignement, et notamment ses implications sur le statut de la communication en classe ; finalement, les activités de classe elles-mêmes, qui définissent l'activité de l'apprenant et orientent le sens de son apprentissage ». ⁸

Temos então que a definição de uma ou mais estratégias de aprendizagem está na base do programa escolhido pelo professor. Marie-Claude Tréville e Lise Duquette referem que as variantes conceptuais que presidem às opções da metodologia a empregar articulam-se à volta de três domínios da pesquisa do ensino de línguas: o da finalidade do ensino, o da aquisição das línguas e o da "démarche" pedagógica. E acrescentam que

« la pensée didactique oscille, au fil du temps, d'un extrême à l'autre des ces axes en fonction de la conjoncture du moment, des apports de la recherche et de la prédominance (la popularité) de telle ou telle théorie de l'acquisition, de l'apprentissage ou de l'enseignement des langues. »⁹

Sendo claro que a predominância de um ou outro paradigma varia com o tempo, a utilização dos textos de Imprensa também sofre com essa mudança. Logo, independentemente da metodologia empregue, o docente deve ter em atenção o tipo de material escolhido nos jornais e revistas para que a sua acção seja coerente e eficaz, de acordo com os parâmetros por si determinados.

A título de exemplificação, as mesmas autoras, a propósito da "démarche" pedagógica, que pode ter uma dimensão analítica, centrada nas estruturas do código linguístico; global, centrada no sentido das mensagens; ou interactiva, a meio caminho de uma e de outra; questionam se, partindo do pressuposto que os três tipos de programa são necessários e contribuem para a aquisição da competência de comunicação, não se podem encadear, tornando-se numa sequência pedagógica linear, em que o programa analítico-estrutural seria aplicado ao nível elementar, o global-funcional ao nível intermediário e o interactivo ao nível avançado.¹⁰

2.1.1. A abordagem comunicativa e os documentos autênticos

Tendência mais em voga em didáctica das línguas nas duas últimas décadas, a abordagem comunicativa favorece a adopção do material jornalístico impresso no ensino do PLE, na medida em que aquela abordagem é concebida em função das necessidades e das motivações dos alunos.

⁷ M. Luísa Álvares Pereira – *Os Textos Literários na Aula de Português Língua Estrangeira ou a necessária intervenção da estranheza em Didáctica das Línguas*, p. 49.

⁸ Michèle Pendanx – *Les activités d'apprentissage en classe de langue*, p. 9.

⁹ Marie-Claude Tréville e Lise Duquette – *Enseigner le vocabulaire en classe de langue*, p. 94.

¹⁰ Idem – *Op. cit.*, pp. 107 e 108.

Ana Isabel Oliveira Andrade e Maria Helena Araújo e Sá referem que a abordagem comunicativa exige uma nova reflexão, a qual,

« devendo ter em conta a necessária articulação teoria/prática, aponta para uma formação liberta de modelos, desligada de instrumentos pedagógico-didáticos particulares já elaborados e prontos a serem aplicados, referindo-se a um professor apto a produzir a sua própria metodologia, de acordo com o *hic et nunc* da situação real de aprendizagem. »¹¹

Esta posição corrobora aquilo que vinha sendo defendido até aqui, ou seja, que é fundamental, uma vez tomada a decisão da utilização da Imprensa como base das aulas de PLE, uma selecção e preparação profunda e criteriosa do material a ser aplicado, em consonância com as diversas variáveis que podem afectar e/ou favorecer o processo de ensino/aprendizagem.

Daí que no plano prático a abordagem comunicativa deva ser reequacionada para atender a uma verdadeira progressão do processo de ensino/aprendizagem, já que « aucune règle d'organisation et de progression des contenus n'est véritablement préconisée par les approches communicatives, si ce n'est de choisir la situation de communication comme justification de toute la démarche pédagogique. »¹²

É importante reter, porém, que a abordagem comunicativa recorre necessariamente a documentos autênticos, como os jornais e revistas, « veículos de situações reais de comunicação onde a língua é utilizada com reais funções comunicativas, dando conta de todos os elementos linguísticos e extralinguísticos que condicionam o acto comunicativo. »¹³

Por outro lado, não se deve esquecer que o documento autêntico, ao entrar em sala de aula perde a sua “autenticidade”, na medida em que está a ser utilizado noutra contexto que não o daquele que motivou a sua produção. Todavia, no caso dos documentos retirados de jornais e revistas, essa perda de “autenticidade” nota-se menos, desde que sejam retirados tal e qual aparecem no original, sejam tidas em conta as suas condições de produção, seja dado sentido às suas características paratextuais e sejam usados em tarefas semelhantes às reais – exemplo: resposta a um anúncio de emprego.

2.1.2. A escolha dos textos

De uma forma geral, pode-se apontar algumas características a que devem presidir os documentos autênticos, em consonância com os públicos a que se destinam. Assim, para o nível elementar, o professor deverá escolher os textos que apresentam os conteúdos linguísticos directamente ligados a situações concretas, a contextos extralinguísticos claros, pois assim o discente poderá fazer inferências precisas tendo em vista a descodificação do texto. Pode dar-se como exemplo a análise de uma notícia saída num jornal português sobre um evento acontecido no país de origem do aluno. Nessa situação, *a priori*, este estará dotado de um conjunto de ferramentas que lhe permitirá chegar ao significado do texto.

¹¹ Ana Isabel Oliveira Andrade e Maria Helena A. B. Araújo e Sá – *Didáctica da Língua Estrangeira*, p. 28.

¹² Marie-Claude Tréville e Lise Duquette – *Op. cit.*, p. 106.

¹³ Ana Isabel Oliveira Andrade e Maria Helena A. B. Araújo e Sá – *Op. cit.*, p.123.

No nível avançado, por sua vez, o documento poderá ser mais marcado culturalmente, com maior diversidade de vocabulário e um contexto mais neutro para o conjunto dos aprendizes.¹⁴

A selecção dos textos, claro está, é da responsabilidade do docente, o qual deverá, tanto quanto possível, procurar fazer o levantamento do nível de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos do seu público, para uma mais precisa e acertada escolha do material a aplicar em aula, proveniente dos meios de comunicação social impressos.

Isto, sem perder de vista que « certaines recherches actuelles montrent que la compréhension d'un texte (oral ou écrit) n'est possible que su une certaine proportion des éléments lexicaux qu'il contient est connue : l'entendue du vocabulaire connu permettrait un meilleur pronostic de la compréhension générale ».¹⁵

2.2. Propostas de aplicações práticas

Os meios de comunicação social de uma forma geral e, neste caso, os meios impressos em particular, são um instrumento valioso para o ensino de uma L2, pois, entre outras potencialidades, promovem a aprendizagem cultural acerca do país ou países de origem da língua – modo de ser e estar, tradições, valores, etc. –; despertam o interesse e a motivação para a aprendizagem através da variedade do material, da actualidade do mesmo, das solicitações ao nível imagético, entre outras; desenvolvem as capacidades comunicativas através do uso dos textos para aplicação em exercícios de expressão, leitura, escrita, compreensão; e, sendo muitas vezes o único material de que dispõem alunos e professores, abarcam potencialmente toda a variedade de aplicações da língua nos seus diversos contextos e registos.

Partindo-se desta base, vão ser apresentadas a seguir algumas propostas de aplicação prática dos textos provenientes de jornais e revistas no contexto do ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira.

2.2.1. Técnicas aplicadas ao texto jornalístico

Como foi visto no ponto 2, o texto jornalístico, pelas suas características, é passível de uma vasta utilização por todos os aprendizes de PLE, nos seus diferentes níveis.

Tendo isso como premissa, mostra-se interessante dar a conhecer aos discentes algumas técnicas de construção daquele tipo de texto, o que pode ajudá-los não só em exercícios de expressão escrita como também em exercícios de compreensão de texto. Assim, o primeiro ponto a abordar é o da construção do *lead* da notícia, uma técnica essencial em jornalismo.

Considerando-se os objectivos deste trabalho, o que nos interessa aqui falar sobre o *lead* é, sobretudo, as questões que presidem à sua construção, que são seis: O quê? Quem? Quando? Onde? Porquê? Como?

A resposta a estas seis questões aparecem normalmente no primeiro ou nos dois primeiros parágrafos de uma peça noticiosa, dando logo a ideia geral de todo o artigo.

¹⁴ Cf. Marie-Claude Tréville e Lise Duquette – *Op. cit.*

¹⁵ *Idem* – *Op. cit.*, p. 58.

- “O quê?” refere-se àquilo que aconteceu, acontece ou vai acontecer;
- “Quem?” prende-se com os agentes, activos ou passivos, da acção;
- “Quando?” localiza temporalmente o acontecimento;
- “Onde?” situa o acontecimento;
- “Porquê?”, frequentemente com o sentido de “para quê?”, indica os motivos que determinaram a acção;
- “Como?”, por vezes equivalente a “porquê?”, indica em que circunstâncias ocorreu o acontecimento.

Como complemento do *lead* temos a “pirâmide invertida”, que consiste numa construção do texto jornalístico em que o mais importante é dito no início e o menos importante, ou acessório, é apresentado no fim.

Com base nestas duas técnicas de construção de textos, o professor de PLE pode solicitar aos alunos que façam redacções sintéticas sobre algum acontecimento do dia ou que reescrevam um artigo previamente preparado por si e que não utiliza as técnicas vistas. Pode também pegar num artigo de jornal e fazer um exercício de compreensão escrita, pedido a resposta para as seis questões, como no exemplo a seguir:¹⁶

INSERIR “IMAGEM Nº 1”

- O quê? A criação de uma comissão.
- Quem? O Partido da Nova Democracia.
- Quando? No próximo dia 10.
- Onde? Em Évora.
- Porquê? (Para quê?) Para estudar as políticas de integração de imigrantes.
- Como? Durante a reunião do Conselho Geral.

2.2.2. Os títulos

Directamente relacionado com o *lead* está o título, já que na maior parte dos casos, numa lógica de construção jornalística, é o primeiro que determina o segundo.

Para um estudante de PLE, os títulos da Imprensa podem apresentar vários obstáculos para a sua descodificação. Um estudo de Rosa Lúcia Coimbra e Ana Margarida Belém Nunes, a partir de uma série de títulos de jornais, encontrou como principais dificuldades a presença de linguagem metafórica e metonímica, expressões idiomáticas, ambiguidade frásica, vaguidade e referências culturais específicas.¹⁷

De facto,

« os títulos dos jornais constroem-se, frequentemente, como “palimpsestos”, de acordo com a designação de R. Galisson (1995). E chama-se construção em palimpsesto porque o jornalista selecciona um título relativo a um determinado acontecimento actual, **escrevendo-o por cima** de outro enunciado facilmente reconhecível, dado tratar-se de um provérbio, de um slogan, do nome de um

¹⁶ Todas imagens retiradas de jornais e revistas foram obtidas no “Público” e “Pública” de 4 de Janeiro de 2004.

¹⁷ Rosa Lúcia Coimbra e Ana Margarida Belém Nunes – *Títulos de imprensa: que dificuldades para o falante de PLE?*, p. 66.

livro ou de um filme conhecido... Um título escreve-se sobre outro que está inscrito na nossa memória colectiva, relacionando deste modo *língua e cultura.*»¹⁸

Para o docente, trabalhar com títulos pode ser uma forma de trabalhar, por exemplo, as expressões idiomáticas, sempre um problema particular, mas normalmente motivador, pela diferença e particularidade que introduz, na aprendizagem de uma língua estrangeira, tal como no exemplo abaixo:

INSERIR “IMAGEM Nº 2”

2.2.3. As imagens

Por norma, as imagens são um elemento facilitador da compreensão dos textos. No caso das fotografias que acompanham as peças essa complementaridade será ainda mais pronunciada, devido aos objectivos informativos, e não apenas ilustrativos, que aquelas possuem.

Deste modo, um vasto leque de opções de trabalho se oferece ao professor de PLE, que poderá usar as imagens tanto para objectivos comunicativos, como estruturais e mesmo culturais. Pode-se pedir aos alunos, por exemplo, que averiguem como é a arquitectura dos edifícios, as roupas que as pessoas usam, os elementos urbanos e as paisagens retractadas, confrontando esses elementos com os dos seus países de origem.

Pode-se solicitar descrições de imagens com base em grupos vocabulares estudados, análise da relação entre imagem e texto, ou então imaginar diálogos entre as pessoas presentes na fotografia, fazer legendas, entre tantas outras opções.

2.2.4. As notícias

Base do conteúdo de jornais e revistas, as notícias são o substrato mais abundante onde o docente poderá buscar o material para a aula. Sobre elas qualquer exercício é possível de ser elaborado, seja de compreensão, vocabulário, ortografia ou gramática.

INSERIR “IMAGEM Nº 3”

No extracto acima pode-se, por exemplo, abordar temas variados como a questão das siglas, importante na descodificação dos textos, ou dos tempos verbais.

Pela sua actualidade, o texto jornalístico utiliza preferencialmente os verbos no presente e no pretérito perfeito, como se pode ver no caso acima, em que no título é usado o primeiro (“denuncia”) e no texto o segundo tempo verbal (“denunciou”, “protestou”).

¹⁸ Clara Ferrão Tavares – *Os Media e a Aprendizagem*, p. 67.

Uma proposta de actividade poderia passar pela identificação e classificação de todos os verbos do artigo, sejam eles simples ou compostos. Outra poderia ser o estudo da voz passiva e activa.

Em artigos mais longos poder-se-ia pedir aos alunos que fizessem resumos, com respeito tanto pelas pessoas gramaticais como pelos tempos verbais.

Para motivar o seu público o professor poderia promover jogos, tendo por base as notícias, o que permitiria um contacto lúdico com a língua portuguesa. Identificar classes gramaticais em menos tempo, responder mais rapidamente a perguntas de compreensão são alguns exemplos de actividades que se poderiam implementar.

Uma notícia poderia ser igualmente pretexto para o desenvolvimento de um determinado grupo lexical: utensílios de cozinha, vestuário, instrumentos musicais, agricultura, etc.

A partir da temática de um artigo seriam propostas redacções de textos que articulariam a consciencialização dos recursos formais da língua com a sua aplicação pragmática. Como diz Fernanda Irene Fonseca, « aprender a falar uma língua não é interiorizar um sistema de regras gramaticais em abstracto, é adquiri-las como operações condicionantes de uma capacidade de **construir textos** e de, com eles, **modificar situações** ». ¹⁹

2.2.5. A entrevista

As entrevistas transcritas para os meios impressos são normalmente em discurso directo, a chamada entrevista pingue-pongue ou de pergunta-resposta, ou em discurso indirecto.

No primeiro caso, como é claro, a situação de comunicação é mais natural. Aliás, a entrevista é uma das técnicas básicas do jornalismo.

Aproveitando o seu intrínseco carácter interactivo, o docente de PLE pode pôr os alunos a fazer entrevistas entre eles, como forma de estimular a oralidade, ou, tendo em vista um objectivo mais motivador, fazê-los entrevistar pessoas de fora para a produção de um jornal de turma.

Com isso, os discentes, ao passar do registo oral para o escrito, terão que organizar as declarações recolhidas, fazendo com que o discurso seja coerente sintáctica e gramaticalmente.

2.2.6. A publicidade

A publicidade está presente em praticamente todos os meios de comunicação social. Tendo características diferentes do texto jornalístico, o texto publicitário chama a atenção não só pelas funções informativas e expressivas, mas também pela função poética.

¹⁹ Fernanda Irene Fonseca – *Gramática e pragmática: alguns aspectos do uso do conjuntivo perspectivados no quadro do ensino do Português como língua estrangeira*, p. 225.

A análise do sentido implícito dos slogans publicitários pode ser um meio de pôr em comum aspectos da actualidade e da cultura que passariam despercebidos para um estrangeiro.

No caso abaixo, o *slogan* “Receba a sociedade em casa” encobre, para alguém que esteja fora do contexto mediático português, uma longa história ligada ao serviço público de televisão, não obstante o texto explicativo que aparece no rodapé da página.

INSERIR “IMAGEM Nº 4”

Uma actividade com forte possibilidade de mobilizar os alunos prende-se com a produção de um anúncio (com ou sem imagens), ou simplesmente de um slogan, de promoção do país de origem de cada um. Com isso, poder-se-á entrar num nível de linguagem mais subtil e refinado.

2.2.7. Os classificados

INSERIR “IMAGEM Nº 5”

O pequeno anúncio por excelência é aquele que, com um mínimo de palavras, maioritariamente substantivos, dá uma ideia geral do bem que se pretende vender, como no anúncio acima.

Um exercício que serve para verificar a capacidade de articulação do discurso do aprendiz, bem como aferir o seu nível de conhecimentos gramaticais e sintácticos, é o que procura, através do emprego correcto de artigos, preposições e conjunções, o alargamento do texto do pequeno anúncio.

No caso do exemplo acima, poder-se-ia propor a seguinte resolução:

“Vende-se um apartamento com **dois quartos, garagem, arrumos e lareira**, sito na **Rua da Venezuela**. O imóvel possui **excelentes acabamentos** e encontra-se à venda por um **bom preço**. Mais informações poderão ser obtidas com o **proprietário** do apartamento através do número de **telefone 22 203 96 00**, ou então através dos números de telemóvel **91 938 85 06 e 91 459 11 66**.”

De forma inversa, poder-se-ia propor aos alunos que, partindo do texto anterior, fizessem um anúncio para os classificados, racionalizando assim algumas técnicas gramaticais que levariam à omissão de palavras e à simplificação da pontuação.

Um outro tipo de anúncio que interessa ao professor de PLE é o de oferta de emprego. Com base nele, pode-se propor a produção de cartas de candidatura para o preenchimento das vagas anunciadas.

2.2.8. O horóscopo

Embora encarado por muitos como simples superstição, o horóscopo presta-se a algumas aplicações pedagógicas bem marcadas e importantes para a aquisição das capacidades comunicativas.

Sendo um texto que prevê e antecipa o futuro, dando conselhos aos nascidos sob determinado signo, logo fazendo uso da função apelativa da linguagem, o horóscopo privilegia o uso das formas de imperativo e de futuro.

No exemplo que se segue, o autor utiliza sobretudo formas de presente com valor futuro, aparecendo a “ordem” na frase: “Na saúde, **faça** uma alimentação saudável para o coração”.

INSERIR “IMAGEM Nº 6”

Fernanda Irene Fonseca, no que toca às formas de imperativo, chama a atenção para o facto de que « dado o seu funcionamento como forma de levar ao limite máximo a interferência entre linguagem e acção, o uso do imperativo é uma aquisição básica numa progressão do ensino da flexão verbal que tenha como critério a rentabilidade comunicativa ».²⁰

2.2.9. A banda desenhada (BD)

A banda desenhada presente em jornais e revistas é, na maioria da vezes, um elemento que desperta a atenção e o interesse do discente, visto possuir uma mensagem normalmente humorística, leve e facilmente compreensível, servindo também para o seu relaxamento e como contraposição à informação “séria” do meio de comunicação social.

A BD pode ser usada como meio para desenvolver a criatividade comunicacional do aluno. Para tal, poder-se-ia ocultar as caixas de diálogo em cada um dos quadros, ou apenas no fim, e deixar a criatividade fluir.

Na história abaixo de Calvin e Hobbes, o que será que a mãe do Calvin poderia estar a lhe dizer? Esse é um exercício que, dada a actualidade do tema da violência nos *media*, daria origem, acreditamos nós, a uma leitura mais ou menos padronizada pela generalidade das pessoas. Isto, contudo, não impede que a partir daí se possa, por exemplo, encetar um debate ou alguma outra actividade de cariz comunicativo.

INSERIR “IMAGEM Nº 7”

2.2.10. A programação de TV e a meteorologia

Tanto a programação das estações de televisão como as previsões meteorológicas podem servir de base, por exemplo, para o estudo das formas de futuro, além de proporcionar o aumento do vocabulário (os fenómenos atmosféricos, por exemplo) e

²⁰ Fernanda Irene Fonseca – *Op. cit.*, pp. 227 e 228.

familiarizar o aluno para a análise de tabelas e gráficos em língua portuguesa: o posicionamento absoluto e relativo, as coordenadas, etc.

A partir destas duas secções dos jornais pode-se estudar, entre outras coisas, os articuladores temporais (hoje, amanhã, no próximo mês, ontem...), as formas verbais de futuro, bem como a noção de espaço.

Indo mais além, pode-se traçar paralelos entre o clima e a programação televisiva de Portugal e o clima e a programação dos países de origem dos aprendizes, estabelecendo-se assim um debate em sala.

2.2.11. O jornal de turma

Como forma de motivação, o professor pode lançar o desafio da produção de um jornal de turma ou, mesmo, de um jornal individual de cada aluno.

Esse jornal, claro está, não teria grandes requintes gráficos, mas poderia ser minimamente “apresentável” se fosse feito num programa como o Microsoft Publisher.

Conhecedores das características mais marcantes do texto jornalístico e das técnicas básicas de construção do mesmo (*lead* e pirâmide invertida), os discentes poderiam, por exemplo, ser divididos em grupos com tarefas específicas: produção de artigos, banda desenhada, pequenos anúncios e restantes itens analisados até aqui.

Por outro lado, os jornais poderiam ser individuais, enquadrados no âmbito da progressão do ensino/aprendizagem traçada à partida pelo docente, em que no final de um determinado período de tempo estariam reunidas as diversas secções analisadas neste trabalho.

Outro aspecto a ter em conta é que não se pode pôr de parte, para a construção do jornal, a recolha de informação nos países de origem dos aprendizes. Aliás,

« a aprendizagem de uma língua estrangeira deve obrigar, forçosamente, a um retorno à língua materna de cada um, (também) através da contemplação atenta de fenómenos que nunca se tinham observado. Mas não só: essa ausência pode significar também a não possibilidade de vivência do exercício de alteridade por excelência que constitui o acesso a outro mundo linguisticamente potenciado. »²¹

Isménia Sousa e António Branco partilham a mesma opinião, referindo ainda que a tentativa de tradução lógica, coerente e o mais “fiel” possível « aprofunda o conhecimento da componente estilística da Língua Estrangeira [estudada]. As transformações necessariamente operadas na língua de origem suscitam, por sua vez, a compreensão das conseqüentes alterações semânticas. »²²

Mas não só nos textos em língua materna estará a fonte do material informativo a ser tratado. Ele também poderá ser recolhido nos outros *media*, como a televisão e a rádio. Após a exibição de um documentário em sala, ou a audição de um programa

²¹ M. Luísa Álvares Pereira – *Os Textos Literários na Aula de Português Língua Estrangeira ou a necessária intervenção da estranheza em Didáctica das Línguas*, p. 47.

²² Isménia Sousa e António Branco – *A tradução como exercício de reflexão sobre a língua estrangeira*, p. 261.

radiofónico, por exemplo, os discentes deverão, individualmente ou em grupo, produzir o artigo, a entrevista ou a outra peça informativa solicitada pelo professor.

É importante aqui reter, devido ao volume de trabalho que poderá estar envolvido, a necessidade de se manter a motivação em níveis elevados ao longo do processo de construção do jornal, sob pena de o risco de não concretização do projecto levar à desmotivação dos alunos.

Conclusão

A utilização da Imprensa como material fundamental do ensino/aprendizagem do Português como Língua Estrangeira é uma possibilidade ao alcance da mão, sobretudo para os níveis mais avançados. A implementação de uma didáctica baseada neste contexto, porém, carece, a nosso ver, de uma maior experimentação, devido sobretudo à pouca disponibilidade de tempo e de recursos para se enveredar por aí.

Procurou-se, com este trabalho, apresentar algumas estratégias de ensino do PLE não só no âmbito do material didáctico, mas também no âmbito da identidade cultural e societária de uma nação, elemento igualmente importante para a apreensão e compreensão de uma língua segunda.

Acreditamos que o nosso objectivo inicial foi alcançado, pois, sem pretensões normativas de qualquer espécie, apresentou-se um conjunto sustentado de aplicações da Imprensa num possível processo de progressão em PLE, não obstante a falta de articulação entre as sugestões apresentadas – uma vez que também não era isso que se pretendia.

Por outro lado, sabemos que muito ainda ficou por dizer e explorar, já que, de forma proposital, não se avançou, por exemplo, para a interacção com os outros *media*, nomeadamente a televisão e a rádio.

Por fim, nunca é demais salientar que a Imprensa, se bem utilizada, pode ser um factor motivador e dinamizador do ensino/aprendizagem não só do PLE, mas da maior parte, se não de todas, as línguas estrangeiras. Porém, o material originário dos meios de comunicação impressos de pouco adianta se não existirem professores motivados e empenhados, que experimentem e invistam, de forma coerente e sustentada, nesta aposta metodológica e didáctica.

Bibliografia

ANDRADE, Ana Isabel Oliveira; SÁ, Maria Helena A. B. Araújo e – *Didáctica da Língua Estrangeira*. Rio Tinto: Edições Asa, 1992.

BADDOCK, Barry – *Press Ahead: A teachers' guide to the use of newspapers in English language teaching*. Oxford [etc.]: Pergamon Press, 1983.

COIMBRA, Rosa Lúcia; NUNES, Ana Margarida Belém – “Títulos de imprensa: que dificuldades para o falante de PLE?”. *Cadernos de PLE*. nº 2, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2002.

CORNAIRE, Claudette; GERMAIN, Claude – *La compréhension orale*. s/l: CLE International, 1998.

DUARTE, Isabel Margarida – *Os Media e a Aprendizagem do Português: Guia do Professor*. Cadernos Público na Escola. nº 7, s/l: Público, 1996.

FONSECA, Fernanda Irene – “Gramática e pragmática: alguns aspectos do uso do conjuntivo perspectivados no quadro do ensino do Português como língua estrangeira” in *Actas do Seminário Internacional Português como Língua Estrangeira*. Macau: NIREP, 1991.

Livro de Estilo. s/l: Público Comunicação Social S.A., 1998.

PENDANX, Michèle – *Les activités d'apprentissage en classe de langue*. Paris: Hachette Livre, 1998.

PEREIRA, M. Luísa Álvares – “Os Textos Literários na Aula de Português Língua Estrangeira ou a necessária intervenção da estranheza em Didáctica das Línguas”. *Cadernos de PLE*. nº 1, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2001.

Pública. nº 397, 2004. Jan. 4.

Público. 2004. Jan. 4.

RICARDO, Daniel – *Manual do Jornalista*. Lisboa: Edições O Jornal, 1989.

SOUSA, Isménia; BRANCO, António – “A tradução como exercício de reflexão sobre a língua estrangeira” in *Actas do Seminário Internacional Português como Língua Estrangeira*. Macau: NIREP, 1991.

TAVARES, Clara Ferrão – *Os Media e a Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000.

TRÉVILLE, Marie-Claude; DUQUETTE, Lise – *Enseigner le vocabulaire en classe de langue*. Paris: Hachette Livre, 1996.